

Região Guianense e o Suriname

Therezinha de Castro*

Introdução

O topônimo *Guayanas ou Guianas* designou, por muito tempo, um vasto território do setentrião sul-americano com limites não muito bem definidos; aí habitam os índios guayanos.

O clima tropical se reflete nas *abundantes chuvas e exuberante vegetação*. Mas é o sistema orográfico denominado *Planalto ou Maciço das Guianas*, que manteve e mantém as planícies do norte isoladas do continente, numa área bem mais voltada para o mundo caribenho; por isso, dentro do enfoque geopolítico ter sido considerada como *Marginal do Caribe*.

Essa costa caribenha, baixa e pantanosa é obra dos rios que aí correm, provenientes do Planalto das Guianas; os aluviões transportados formam cordões litorâneos e lagunas costeiras denominadas bayus ou igua-pés, povoadas por vegetação aquática. Aí, a insalubridade contribuiu para sua não ocupação, transformando-a, no século XVIII, na *porta geoestratégica subreptícia de penetração* dos ingleses, holandeses e franceses nesse espaço hispânico. Contribuiria assim, para que, historicamente, a América do Sul deixasse de ser no seu todo uma

Ibero América, amputada pelo “*quistado das Guianas*”. “Quisto” formado hoje pela *Guiana Francesa* um Departamento do Ultramar e as emancipadas *Guiana e Suriname*.

Ocupação Européia

Historicamente a costa guianense foi conhecida pelos europeus em 1498, quando Colombo em sua terceira e última viagem ao continente, chegou a Ilha de Trinidad. Pouco depois, Alonso Ojeda passava pela foz do Orinoco e navegando para o sul atingia a embocadura Essequibo Demerara.

Seguiam-se vários outros exploradores, muito embora a incipiente ocupação só fosse ocorrer em 1576, quando os jesuítas espanhóis *Ignácio Liauri e Julián Vergara* fundavam o povoado de S. Tomás em território da atual Guiana.

Refletindo lutas européias, no momento em que a Espanha impoñdo sua hegemonia naquele continente, anexava os Países Baixos, os holandeses, em represália, ocupavam em 1581 o território guianense entre o Essequibo e o Demerara. Expulsando os missionários espanhóis da então já prospera Colônia de S. Tomás, funda-

vam, em 1596 *Stabrock*, atual *Georgetown*.

Por sua vez, a Inglaterra, também, rival da Espanha, tratava de ocupar a região guianense do Suriname que, em 1667 cedia aos holandeses em troca do porto de Nova Amsterdam atual Nova York.

Na outra extremidade lutaram bastante os franceses para se instalarem na sua parte guianense; fundaram Caiena em 1635 que abandonavam dez anos depois vencidos por guerras e enfermidades.

As sucessivas guerras européias fariam das Guianas uma área de trocas de donos; levando os ingleses a se apossarem de todo o litoral que, só após demorado período de disputas, negociações e arbitramentos ocorridos durante todo o século XIX, ficava dividido, também, entre holandeses e franceses. No entanto, a parte inglesa, a atual República da Guiana, passava a ser das três a maior de todas, muito embora, 2/3 de seu território seja reclamado pela Venezuela.

Colonização Holandesa

A disputa entre ingleses e holandeses do território hoje pertencente ao Suriname se estendeu através dos séculos XVII e XVIII. Cabendo ao *Congresso de Viena*, em 1815, ao organizar um novo espaço geopolítico para a Europa, entregar aos holandeses a Guiana que hoje tem o nome de República do Suriname.

Implantava-se então a *efetiva colonização holandesa*, estabelecendo-se em Paramaribo, um governo que comandaria, também, até 1848 as ilhas caribenhas das *Índias Ocidentais*. Passava nesse ano de 1848 a *Guiana Holandesa* a ter seu processo político em separado, com atuação dos brancos colonizadores metropolitanos, os autoctones e escravos africanos aí introduzidos à partir de 1621.

Com a *abolição da escravatura* (1863), a vida da Colônia sofreria grandes modificações; os escravos não refugiados nas florestas do interior, passavam como homens livres a trabalharem na mineração da bauxita. A esses, aos poucos viriam se juntar os indianos (1873) e indonésios provenientes de Java (1890).

Em princípios do século XX o Suriname atual, já estava com o seu espaço transformado em autêntico mosaico étnico, caracterizado pelo apartheismo ou desenvolvimento em separado; os grandes latifúndios com plantações de cacau, café, açúcar e algodão haviam sido substituídos por pequenas propriedades dedicadas, em especial, ao cultivo de frutas e arroz.

Graças aos capitais desviados das Índias Orientais à partir de 1945, a Guiana Holandesa, com a introdução de novas técnicas, diversificava sua economia e, por Decreto assinado em 1948 tornava-se *parte integrante do Reino da Holanda*. Dois anos depois, para fins administrativos era dividida

em oito Distritos, obtendo *autonomia* de governo em 1954, exceto em questões externas e de segurança.

Entre 1967-70 tornaram-se tensas as relações entre os setores inglês e holandeses por causa da fronteira contestada entre o *New River e Corentine*, região até hoje ocupada militarmente pelo Governo de Georgetown, com o que não concorda o de Paramaribo. A área em questão situa-se na fronteira com o Brasil onde esses rios têm nascentes na Serra de Acaraí.

Implantação do Estado

Em 25 de novembro de 1975 a Guiana Holandesa tornava-se independente adotando o nome oficial de *República do Suriname*.

Contrastando com período da autonomia em que fora governada por líderes criolos e Hindús, o cenário político passaria a ser de golpes e contragolpes sucedendo-se até 1980 quando *Desi Bouterse*, afastando os membros de esquerda do Conselho Militar, se instala no poder.

Desde a independência, o Suriname vinha recebendo da antiga metrópole uma ajuda anual de 100 milhões de dólares da Holanda e Estados Unidos. Eis que, na chamada "*Noite do Terror*" Bouterse manda executar 15 de seus opositores sob pretexto de serem adeptos de uma revolução

supostamente castrista. Diante dessa carnificina ocorrida em dezembro de 1982, os governos da Holanda e Estados Unidos suspendiam toda a ajuda econômica ao Suriname.

Seria, pois, esta a excelente oportunidade para que Cuba viesse a *transformar o Suriname numa cabeça-de-ponte* para o assalto à América do Sul; o que seria facilitado pelo posicionamento desse país, isolado do continente não só pelo idioma, como ainda pelo alto relevo e densa floresta que cobre parte de seu interior, tão apreciada como "santuário" pelos guerrilheiros.

Envolvido diretamente nesse Marginal do Caribe, onde só temos fronteiras-faixa despovoadas, procurou o Brasil neutralizar o Suriname da influência de Havana que já lhe acenava com ajuda. Enviamos então imediatamente para Paramaribo, o General Danilo Venturini, então nosso Ministro de Assuntos Fundiários.

Recebido por Bouterse, ficava expresso entre os dois países o desejo de "preservar a América do Sul de confrontação que lhes são estranhas", devendo antes de tudo "prevalecer o direito de autodeterminação dos povos sem qualquer tipo de interferência direta ou indireta"¹

Para afastar a interferência cubana, o governo brasileiro prometia, em troca, um programa econômico-cul-

1. In *Revista de Política Exterior do Brasil* nº 32 — Ministério das Relações Exteriores — Brasília.

tural para livrar o Suriname do isolamento imposto pelos Estados Unidos e Holanda.

A despeito da reação contrária do Governo de Washington, a aproximação Brasil/Suriname seria levada a efeito, por ser fundamentalmente importante para nossa segurança. Política legalizada, tendo em vista, a vigência do *Tratado de Cooperação Amazônica* que tem os dois governos Brasília/ Paramaribo, como signatários.

Geopoliticamente infantil, indefinido ideologicamente, o *distanciamento Paramaribo/Havana* se deveu, não só a pronta ação do Brasil, como a logo posterior invasão de Granada, que para demonstrar seu apoio, Bouterse expulsava em 1983 do Suriname 80 cubanos.

Em 1988 chegava ao fim o governo forte de Bouterse que, a semelhança de Pinochet no Chile entregava o Poder Executivo, mas permanecia no comando das Forças Armadas. Mas mantinha-se a instabilidade com a troca de governos e guerrilhas atuantes: o Comando Rebelde da Selva chefiado por Ronnie Brunswijk, o Grupo Angula e Mandela, pró direitos dos negros; e o Tucaiana, pró-índios.

A situação torna-se ainda mais tensa quando, em 20 de novembro de 1992, por discordar do Presidente Ronald Venetiaan que permitira um desfile para lembrar o 10º aniversário do massacre dos 15 opositores à sua ditadura, Desi Bouterse renuncia ao Comando das Forças Armadas.

Seria talvez o início de novo golpe, mas imediatamente, Venetiaan indicava o Coronel Arthur Gorré para o posto; essa nomeação desagradava os oficiais ligados a Bouterse. E, esse Alto Comando teria que renunciar, já que a Assembléia Nacional ratificava o ato do executivo por 41 votos contra 9.

Falhava a tentativa de Bouterse que se sabe, tem, muito interesse em assumir o poder por necessitar de imunidades, acusado que é em envolvimento em corrupção e tráfico de drogas.

O ano de 1992 seria profíquo a estabilidade interna por ter o governo conseguido a *desmobilização dos grupos guerrilheiros*, em ato supervisionado pelo Brasil e Guiana representando a ONU. Aceitaram os guerrilheiros a suspensão das hostilidades em troca da ajuda estrangeira e promessa de que seus homens seriam recrutados para a *Força Policial do Interior*.

As manobras conjuntas Estados Unidos/Guianas em 1993, puseram em estado de alerta o governo surinamense; mas Washington deu garantias de que se tratava, de treinamento de selva relacionado ao combate ao tráfico de drogas.

Situação Atual

O Suriname é um país com 163.265 km² com área pouco maior que a do nosso Estado do Acre (152.589 Km²).

Sua população estimada (1992) em 404.000 habitantes tem *composição diversificada*: 37% de indo-paquistaneses; 31,3% de criolos surinamenses; 14,2% de javaneses; 8,5% de saramarcas, os “bush negroes”, descendentes de escravos que, revoltados no século XVIII se refugiaram na floresta, 3,1% de ameríndios em diversas tribos; 3,1% de chineses; e 2,8% de holandeses.

Entre os credos religiosos: 26,1% são católicos, 18% protestantes, 26% hinduístas e 18,6% islâmicos.

Como praxe em áreas de colonização inglesa ou holandesa, inexistente a assimilação, vivendo esses grupos no *apartheid*, congregando-se em *partidos políticos rivais*. Destacam-se nesse “multipartidarismo”: a Nova Frente, o Democrático Nacional e a Alternativa Democrática elegendo seus candidatos para um legislativo unicameral e Assembléia Nacional com 51 membros com mandato de 5 anos.

As cidades onde se concentra 47% da população são marítimas ou peninsulares. E, tanto demograficamente quanto no setor econômico, o país está quase que totalmente voltado para o litoral; justificando estar no seu interior, não só densa floresta como relevo mais alto.

A principal atividade econômica se baseia na *mineração e indústria de bauxita*. O Suriname é o 5º produtor do Mundo com minas de alumínio dependentes da Alcoa dos Estados Unidos e Billiton, companhia holan-

desa. O ouro, o ferro e o caulim estão também entre os produtos exportados

O *setor agrícola* na faixa litorânea tem entre suas principais plantações o arroz, a cana de açúcar, as frutas cítricas, a banana, o coco e o milho.

Além de Trinidad-Tobago, Estados Unidos e Holanda, o Brasil se inclui entre seus principais parceiros comerciais.

A baixa de preços do minério, a suspensão da ajuda externa, os oito anos de ditadura, provocaram a queda no padrão de vida da população. Ressaltando-se que a ativa participação brasileira no processo de paz tem sido vista como um reforço nos laços entre os dois países.

Conclusão

Brasil e Suriname são países voltados de costas um para o outro; para tal contribuem a vocação caribenha surinamense o relevo alto e densa floresta numa fronteira-faixa despovoada. Vindo ainda reforçar o idioma oficial holandês que ao lado dos dialetos *sranan* e *tongo* são línguas de comunicação.

No entanto, dentro da dinâmica geopolítica é ainda bem válido o pensamento de Atilio Vivacqua de que “as Guianas completam, natural e necessariamente, a configuração geográfica, econômica e estratégica do setentrão brasileiro”.

Isto porque muitos geógrafos consideram como Guianas tudo que está

situado entre o Oceano no oeste, o Atlântico no norte, o Amazonas e seus afluentes de margem esquerda no leste e no sul.

As Guianas se estendem portanto dos 50° de longitude no Cabo Norte na foz do Amazonas aos 68° já na curva do Orenoco. O delta deste rio na Venezuela aos 8°45' de latitude norte é o ponto mais setentrional da região guianense que vai até Macapá no equador terrestre, capital do Estado do Amapá considerado a "Guiana Brasileira". Essa vasta região atinge porém os 2° de latitude sul, pois nela se encontram integrados os rios Jari, Purus, Negro e Branco.

Toda a região se encontra geograficamente interligada em seu setor central pelo Maciço das Guianas, antigo, bastante erodido, cercado, por todos os lados por planícies cortadas por vários rios.

Na unidade geográfica dessa área abrangendo mais de 1 milhão de Km², existem geopoliticamente 5 *Guianas*; as maiores estão dentro do Brasil (400.000 Km²) e Venezuela (350.000

Km²) seguindo-se a de colonização inglesa (215.000 Km²), a do Suriname e a menor de todas as Guiana Francesa. (91.000 Km²).

Bibliografia

ALMANAQUE ABRIL-CULTURAL — 1995.

DEVÉZE, Michel. "Les Guyanes" — Presses Universitaire de France — Paris, 1968.

GEOGRAFIA UNIVERSAL — Tomo IV "América y Regiones Polares" — Instituto Gallach de Libreria y Ediciones — Barcelona, 1952.

NUNES, Osório. "Introdução ao Estudo da Amazônia" — Biblioteca do Exército Editora, Rio: 1950.

"O MUNDO HOJE" — Biblioteca do Exército, Editora, Rio: 1994.

VIVACQUA, Atilio. "Nova Política do Subsolo e Regime Legal das Minas" — Editora Continental — Rio: 1942.

* Adjunta da DAINTE.